

Contribuições de pessoas sem religião com crença sobre espiritualidade e religião

Contributions of people without religion with belief about spirituality and religion

*Claudia Danielle de Andrade Ritz*¹

RESUMO

Este artigo é parte integrante da pesquisa de doutorado que versou sobre os sem religião com crença. Como aspecto importante na compreensão da identificação pessoal “eu sou sem religião com crença”, objetivamos apresentar os dados referentes ao significado das designações *religião* e *espiritualidade*, para esses indivíduos. Para tanto, iniciamos pela apresentação da palavra que melhor se associa ao termo *religião* para as pessoas sem religião. Posteriormente avançamos para as contribuições acerca do significado da designação *religião* e da designação *espiritualidade*, enquanto conceitos dotados de sentido simbólico. A metodologia utilizada foi mista, composta por pesquisas bibliográfica e de campo, por meio de questionário estruturado digital com discentes da graduação e da pós-graduação da PUC Minas. Concluímos, a partir dos dados, que para as pessoas sem religião com crença, religião e espiritualidade não são interdependentes em significado e tampouco são sinônimas. A religião é, sobretudo, associada com a Instituição, com as formalidades das doutrinas, dos ritos, das tradições religiosas. Por outro lado, a espiritualidade é descrita como preponderantemente do indivíduo, embora possa facultativamente transcorrer ou ser cultivada em uma instituição religiosa.

PALAVRAS-CHAVE

Religião; Espiritualidade; Pessoa sem religião com crença; Individualização; Desinstitucionalização.

ABSTRACT

This article is an integral part of the doctoral research that dealt with the non-religious with belief. As an important aspect in understanding the personal identification “I am without religion

¹ Doutora em Ciências da Religião pela PUC Minas como bolsista FAPEMIG e doutora em Estudos da Religião pela Universidade Católica Portuguesa. Membro do Grupo de Pesquisa Religião e Cultura na PUC Minas. Mestre em Ciências da Religião pela PUC Minas como bolsista CAPES. Bacharel em Direito pela PUC Minas. Especialista em Direito do Trabalho pela Universidade Cândido Mendes RJ. Bacharel em Teologia pelo Centro Universitário Metodista Izabela Hendrix MG.

with belief², we aimed to present the data and reflect on the meaning of the designations religion and spirituality for these individuals. To do so, we begin by presenting the word that is best associated with the term religion for people without religion. Subsequently, we expose the contributions regarding the meaning of the designation religion and spirituality, as concepts endowed with symbolic meaning. The methodology used was mixed, consisting of bibliographical and field research, through a structured digital questionnaire with undergraduate and graduate students at PUC Minas. We conclude from the data that for non-religious people with belief, religion and spirituality are not interdependent in meaning, nor are they synonymous. Religion is mainly associated with the Institution, with the formalities of doctrines, rites, religious traditions. On the other hand, spirituality is described as predominantly of the individual, although it may take place or be cultivated in a religious institution, it is deinstitutionalized because it is independent of religious institutions.

KEYWORDS

Religion; Spirituality; No religion with belief; Individualization; Deinstitutionalization.

Introdução

Este artigo se dedica ao fenômeno dos sem religião, ou seja, as pessoas autodeclaradas no Censo 2010 como *sem religião* correspondente a 8,04%². O grupo dos *sem religião* no Censo 2010 é composto por três subgrupos: os agnósticos 0,87%, os ateus 3,98% e os sem religião 95,17%.³ Os *sem religião*, designados nesse texto como *sem religião com crença*, são aqueles que concentram o maior percentual numérico dos *Sem religião*. A nossa abordagem neste texto será especificamente sobre os sem religião com crença.

Compreendemos a identificação religiosa como parte da identificação pessoal do indivíduo⁴ e, por isso, partimos do dinamismo das identidades⁵, proporcionada pelas modernidades múltiplas⁶, especialmente em contextos plurais, com culturas híbridas⁷, para refletir sobre o dinamismo identitário.⁸ Na contemporaneidade temos uma elevação na prerrogativa da autonomia do indivíduo que, nos espaços urbanos, reafirma-se autônomo. Nesse contexto, o individualismo é acentuado e o processo de desinstitucionalização se mostra em relação às instituições, o que inclui as instituições religiosas.

Os deslocamentos sociais e as mobilidades urbanas são aspectos que reconfiguram as identidades e, também, as culturas. Logo, a compreensão do indivíduo acerca do mundo que o rodeia, do outro e de si mesmo, também são dinamizadas. Há uma remodelação dos vínculos

² O que, de acordo com o Censo 2010, significava 15.335.510 pessoas.

³ RITZ, Claudia Danielle de Andrade; SENRA, Flávio. Pessoas sem religião com crenças: considerações sobre o fenômeno religioso dos sem religião. *Revista Caminhos*, Goiânia, v. 20, n. 3, p. 316-334, 2022.

⁴ RITZ, Claudia Danielle de Andrade. *Eu sou sem religião com crença: a fragilização da herança religiosa e a conservação da crença como elo de memória*. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2023.

⁵ HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 12. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2019.

⁶ EISENSTADT, Shmuel Noah. *Múltiplas modernidades na era da globalização*. Lisboa: GEPOLIS, 1996.

⁷ CANCLINI, Néstor García. *Culturas Híbridas – estratégias para entrar e sair da modernidade*. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 1997.

⁸ DUBAR, Claude. *A Crise das Identidades. A interpretação de uma mutação*. Porto: Afrontamento, 2006.

sociais.⁹ As dinâmicas sociais são alteradas em razão da modernidade e as identidades são dinamizadas promovendo movimentações sociopolíticas, econômicas e culturais. Nesse contexto, o campo religioso é afetado pelos deslocamentos, pelas movimentações e reconfigurações.

A compreensão dos significados dos termos, das designações, do sentido simbólico das palavras é também ressignificada, na medida em que as identidades¹⁰ e as memórias são recompostas.¹¹ Refletir sobre o significado das designações utilizadas e empreendidas nos estudos do fenômeno religioso parece uma tarefa útil, pois estamos num contexto de secularização. Neste estudo, a secularização é entendida como as movimentações religiosas e as respectivas reconfigurações das crenças.¹² Se o campo religioso está em movimentação, é possível que a linguagem tenha sido afetada e eventuais deslocamentos de sentido tenham ocorrido.

Compreender a amplitude e profundidade das mudanças decorrentes das dinâmicas modernas das sociedades de conhecimento e tecnológicas¹³, cujo espaço ocupado é preponderantemente urbano, são desafios que se expressam em aspectos socioantropológicos variados, como dito alhures. Se no aspecto identitário, a identificação religiosa é a manifestação do pertencimento ou ausência de pertencimento a uma determinada tradição religiosa, o significado da própria religião se torna o escopo de compreensão. Este estudo não privilegia as discussões teóricas, filosóficas e teológicas sobre a religião¹⁴, mas se dedica a ouvir as pessoas sem religião com crença, o que essas pessoas entendem e conceituam por meio da linguagem o sentido simbólico ao expressar as designações *religião* e *espiritualidade*.

Como cientistas da religião, seguimos as diretrizes de Hans Jürgen Greschat¹⁵, e pensamos na “religião como totalidade”. Por isso, não relacionaremos a compreensão dos indivíduos com os diversos conceitos do termo “religião”, tampouco com a perspectiva histórica ou deslocamentos decorrentes, mas ouviremos o que nos dizem aquelas pessoas que representam e vivem a identificação religiosa “Eu sem religião com crença”.¹⁶ Afinal, “testemunhos pessoais atestam, também, o específico de uma determinada religiosidade, oferecendo assim, ao cientista da religião uma perspectiva singular de dentro de uma fé alheia”¹⁷. Essa é a premissa deste estudo para melhor compreensão do fenômeno dos sem religião, a partir das pessoas sem religião com crença.

A metodologia utilizada em nossa pesquisa foi exploratória, quantitativa e qualitativa¹⁸, abrangendo pesquisas bibliográficas e de campo, mediante aplicação de questionário estruturado digital¹⁹, contendo 40 questões, a jovens universitários da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais que são discentes da graduação matriculados na disciplina “Cultura Religiosa” e discentes pesquisadores da Pós-Graduação em Ciências da Religião. A participação foi facultativa, voluntária e gratuita, no mês de setembro de 2020 e foi previamente aprovada pelo

⁹ RITZ, 2023b.

¹⁰ HALL, 2019.

¹¹ HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. 2. ed. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Editora Centauro, 2006.

¹² HERVIEU-LÉGER, Danièle. *O peregrino e o convertido*. A religião em movimento. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

¹³ CORBÍ, Marià. *Religió sin religión*. Madrid: PPC; Servicios Koinonia, 1996.

¹⁴ Para estudos sobre o termo religião, veja-se: (Engler, 2004), (Pieper, 2019), (Willaime, 2012).

¹⁵ GRESCHAT, Hans-Jürgen. *O que é Ciência da Religião?* São Paulo: Paulinas, 2005. p. 24.

¹⁶ RITZ, 2023b.

¹⁷ GRESCHAT, 2005, p. 55.

¹⁸ CRESWELL, John. W.; PLANO CLARK, Vicki. L. *Designing and conducting mixed methods research*. 2nd. Los Angeles: SAGE Publications, 2011.

¹⁹ MARCONI, Marina de Andrade, LAKATOS, Eva Maria. *Técnicas de pesquisa*. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

CEP.²⁰ Contamos com (75a)²¹ participantes, equivalentes a 100% da nossa amostragem que não foi probabilística, ou seja, não representativa estatisticamente e “contemplou determinado grupo de indivíduos”, como aduz Marina de Andrade Marconi e Eva Maria Lakatos.²² A pesquisa de campo²³ transcorreu com a juventude urbana e universitária, que se identificou como “eu sou sem religião, mas tenho crenças religiosas”²⁴, correspondente a 23% (17a) dos participantes.

Os sem religião com crença são discentes da graduação matriculados na disciplina de Cultura Religiosa (76%) e discentes da Pós-Graduação em Ciências da Religião da PUC Minas (24%). Sobre os dados socioeconômicos, na variável gênero, por meio da autodeclaração, mulheres somaram 76% e homens 24%. A autodeclaração de cor da pele/raça consistiu em 41 % parda, 35% branca e negra 24%. Acerca da renda média mensal familiar, a maioria 41% declarou de 1 a 3 salários mínimos mensais; de 4 a 6 salários 35% e acima de 11 salários 24%, com média de 4 pessoas residentes na família.

As perguntas do questionário estruturado digital concernentes ao escopo abordado neste artigo foram compartilhadas pelos participantes por meio de respostas dissertativas. Não obstante, para iniciarmos a aproximação da compreensão do sentido simbólico da religião para as pessoas sem religião com crença, indagamos sobre a associação da religião com uma palavra que melhor a designasse. Posteriormente, indagamos sobre a compreensão adequada do sentido imbuído nas designações *religião* e *espiritualidade*, ao ser referida e utilizada pelas pessoas sem religião com crença. Isto é, quando as pessoas sem religião com crença aduzem a *religião* e a *espiritualidade*, qual é o sentido que nos informam?

1. A palavra que melhor se associa a *religião*: contribuições das pessoas sem religião com crença

A religião, entre suas várias funções sociais, tem a capacidade de dotar de sentido simbólico, por meio da linguagem, conceitos que avançam no tempo e no espaço com vitalidade e vivacidade, asseverou Georg Simmel.²⁵ Ao tratar da religião, Simmel exalta a realização intelectual capaz de agregar interesses humanos de modo a propiciar apreensão interior. Para tanto, a religião precisa alcançar significados válidos nos indivíduos, valendo-se de sentidos simbólicos que geram afeição.²⁶ A instituição religiosa é uma das herdeiras necessárias da tradição. Logo, a fragilização da força legitimadora da tradição equivale, em alguma medida, à fragilização da instituição, que se reafirma na soma das individualidades agregadas pelo sentido comum expresso na comunidade de adeptos.

A crença vivenciada em coletividade e mediada pela instituição se mostra na comunidade religiosa que manifesta uma identidade religiosa em comum, a tradição religiosa. Se considerarmos

²⁰ Pesquisa aprovada: CAAE: 24706819.4.0000.5137, mediante o Parecer Consubstanciado do CEP: n.: 3.717.358 expedido em 21 de novembro de 2019 e emenda para conversão em questionário digital em razão da pandemia da Covid-19, aprovada pelo Comitê de ética da PUC Minas mediante o Parecer Consubstanciado do CEP n.: 4.264.447, expedido em 08 de setembro de 2020.

²¹ A designação (75a) corresponde ao número absoluto (a) de participantes.

²² MARCONI; LAKATOS, 2012, p. 42.

²³ MARCONI; LAKATOS, 2012.

²⁴ RITZ, 2023b.

²⁵ SIMMEL, Georg. *Religião*. São Paulo: Olho d'Água, 2009. v. I/2.

²⁶ OLIVEIRA, Pedro Assis Ribeiro. Pertença/desafeição religiosa: recuperando um antigo conceito para entender o catolicismo hoje. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 10, n. 28, p. 1230- 1254, out./dez. 2012.

a origem do termo *religio*, do latim, ou *religare*, podemos pensar na (re)conexão com algo transcendente, consigo, com a natureza, dentre outras possibilidades, mas com a incessante presença do indivíduo. Embora, por vezes, a religião pareça preceder ao indivíduo, é o indivíduo que cria, que dinamiza, que enseja e que dota de sentido afetivo a religião. A crença é uma expressão religiosa e é dotada de afetividade, que pode inclusive extrapolar a racionalidade, sem perder a legitimidade para aquele que crê, porque crença é conteúdo simbólico.²⁷ Neste sentido, indagamos as pessoas sem religião com crença sobre a palavra que melhor se associa à *religião*, no intuito de compreender o significado imediato, o que não necessariamente significa uma renomeação ou redução. Émile Durkheim, ao tratar do objetivo incutido nas ideias e expressas na linguagem, explica:

Pensar, com efeito, é ordenar nossas ideias; é, portanto, classificá-las. Pensar o fogo, por exemplo, é colocá-lo nesta ou naquela categoria de coisas, de maneira a poder dizer que ele é isto ou aquilo, isto e não aquilo. Mas por outro lado, classificar é nomear, pois uma ideia geral só tem existência na realidade, pela palavra que exprime e cria, por si só, sua individualidade.²⁸

Pensar sobre a religião e classificá-la em uma palavra podem ser um modo de ordenar e expor uma ideia que exprima a individualidade e o sentido que o termo representa para aquele que a expressa. Partindo desse pressuposto, indagamos: “Qual palavra você acredita que melhor se associa com religião?” Na questão, era possível assinalar apenas uma palavra²⁹, ou assinalar a opção “outro”, o que possibilitava incluir significado diverso de modo dissertativo, a critério do/a participante. Entretanto, a opção “outro” não foi assinalada por nenhuma pessoa sem religião com crença. As respostas foram agrupadas no quadro a seguir, com a opção assinalada pelas pessoas sem religião com crença (SRC).

Quadro 1 – A palavra que melhor representa a religião na opinião dos sem religião com crença

Palavra	SRC I	SRC II	SRC III	SRC IV	SRC V	SRC VI	SRC VII	SRC VIII	SRC IX	SRC X	SRC XI	SRC XII	SRC XIII	SRC XIV	SRC XV	SRC XVI	SRC XVII
Alienação	x			x			x				x						
Amor						x											
Conflito					x												
Crescimento										x							
Deus, Ser Superior, Orixás			x					x								x	x
Espiritualidade			x														
Humanidade															x		
Paz												x					
Poder		x							x						x		
Não sei dizer													x				
Outro													x				

Fonte: Elaborado pela autora com dados da pesquisa de campo (2020).

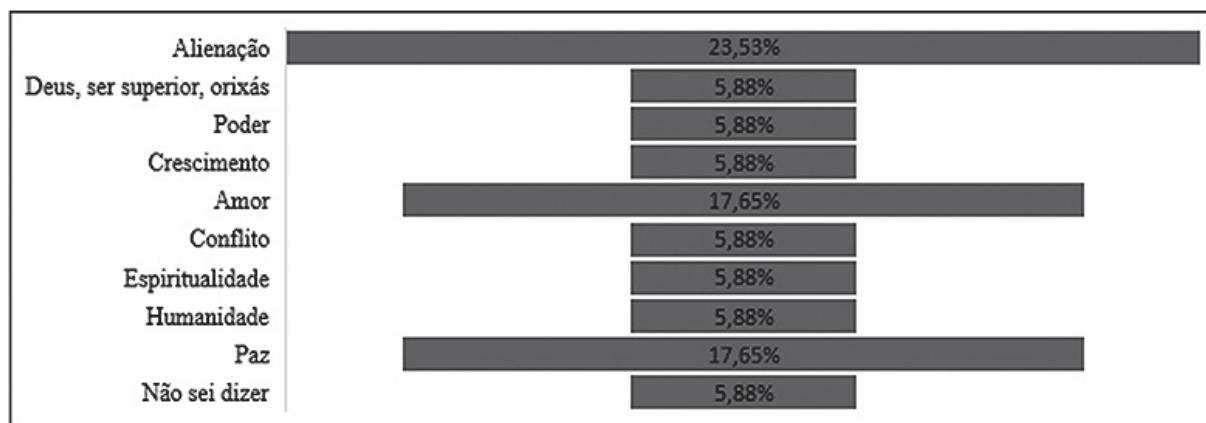
²⁷ RITZ, 2023b.

²⁸ DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 1996. p. 67.

²⁹ Questão n. 38, alternativas propostas: salvação; alienação; paz; conflito; poder; purificação; amor; mito; espiritualidade; magia; engano; crescimento; ignorância; indiferente/irrelevante; anjos; Deus/Ser Superior/Orixás; etc.; demônios/forças ocultas/maldade; humanidade; não sei dizer; outra.

Apenas a pessoa, o SRC XIII (6%) optou pela alternativa “não sei dizer”, impossibilitando análises. Notadamente, algumas palavras foram assinaladas com maior frequência, conforme gráfico a seguir. Temos três palavras com maior percentual: “alienação” 24%, “Deus, Ser Superior, Orixás, etc.” 18% e “poder” 18%.

Gráfico 1 – Palavra que melhor representa a religião na opinião dos sem religião com crença (%)



Fonte: Elaborado pela autora com dados da pesquisa de campo (2020).

Os dados sugerem a classificação da religião primeiramente em perspectiva institucional, expressos na “alienação” (23,53%) e “poder” (17,65%), a partir de uma crítica sociopolítica. Se considerarmos a religião na perspectiva proposta pelas pessoas sem religião com crença, como alienação e poder, o processo de desinstitucionalização religiosa, em contrapartida, se relaciona com a emancipação da alienação e do poder dominador. Nos estudos sobre a modernidade, na perspectiva de Danièle Hervieu-Léger³⁰, a emancipação é abordada para se referir à tutela religiosa. Emancipar é afastar-se da tutela religiosa, enquanto prerrogativa de um indivíduo autônomo. O aspecto que destacamos é a desafeição ao sentido da religião para essas pessoas, algo que exerce força dominante. A discussão não é sobre dogmas ou concordância, mas sobre o sentido da religião e de sua estruturação enquanto instituição.

A terceira opção mais assinalada foi a relação da religião com o sentido da transcendência, um aspecto da dogmática religiosa, “Deus, Ser superior, Orixás, etc.” (17,65%), presente nas tradições, mas em designações plurais, como tentamos expressar na alternativa. Retomamos os ensinamentos de Durkheim, que explica a relação entre mito e rito na religião. Se considerarmos “Deus, Ser superior, Orixá, etc.” (17,65%) na relação com mito e rito, temos um percentual relativamente modesto. O “rito não é outra coisa senão o mito em ação”³¹. Se nas pessoas sem religião com crença a prática do rito é fragilizada, porquanto são pessoas desinstitucionalizadas, cuja autonomia favorece a individualização das crenças, é possível ponderar sobre a relativização do próprio mito na religião. Portanto, podemos considerar que o rito e o mito se imbricam na religião e se legitimam no sentido que alcançam no indivíduo. Assevera Durkheim:

³⁰ HERVIEU-LÉGER, 2015.

³¹ DURKHEIM, 1996, p. 74.

Se o mito for retirado da religião, cumpre igualmente retirar dela o rito, pois os ritos se dirigem, na maioria das vezes, a personalidades definidas que têm um nome, um caráter, atribuições determinadas, uma história, e variam conforme a maneira como são concebidas como personalidades [...].³²

A compreensão dos atributos da religião é cogente à fragilização da herança religiosa e da memória religiosa pela fresta ou perda de afeição e sentido legitimador pelo indivíduo. Não apenas a instituição, mas também o sentido simbólico relacionado com mitos, ritos das tradições religiosas, assim como a transcendência nominada como Deus, Ser Superior, etc., são deslocadas da instituição religião, para maior concentração na subjetividade e gestão do indivíduo na individualização da crença, isto é, do conteúdo da crença. Compreendidos os termos que para as pessoas sem religião com crença melhor se associam à religião, notamos pouca manifestação de afetividade para com a instituição religião nas palavras de associação. Destarte, cumpre-nos entender o que é *religião* para as pessoas sem religião com crença.

2. O significado da *religião* na perspectiva das pessoas sem religião com crença

Religião e espiritualidade, ao serem ditas essas palavras, o que exatamente comunicam? O sentido e a compreensão podem ser distintos dependendo da perspectiva da pessoa que comunica e do receptor da mensagem? Estas são apenas algumas das várias indagações que podem ser suscitadas. Não objetivamos apresentar respostas que se aplicam a todo o fenômeno dos sem religião, mas mostrar algumas contribuições dos sem religião com crença. Rubem Alves³³, em tom poético, disse que a religião é como “uma teia” e na sua tessitura entrelaça um emaranhado de símbolos, ritos, mitos e crenças. Jean-Paul Willaime³⁴ salienta que o termo “religião” não possui conceituação unificada entre os pesquisadores³⁵, o que resulta em uma “Torre de Babel”³⁶ de definições. A título exemplificativo da pluralidade de conceituações³⁷, no dicionário de filosofia, a religião é conceituada como “crença na garantia sobrenatural de salvação e técnicas destinadas a obter e conservar essa garantia. [...]”³⁸. A nossa compreensão diverge da citação mencionada, na medida em que consideramos a crença dotada de conteúdo subjetivo que se expressa no ato de crer e expõe a afeição. Por isso, crença religiosa não é sinônimo de religião, embora a religião seja uma formadora de crenças religiosas que, em alguma medida, lembram a herança religiosa.

³² DURKHEIM, 1996, p. 74.

³³ ALVES, Rubem. *O que é religião?* São Paulo: Edições Loyola, 1999.

³⁴ WILLAIME, Jean Paul. *Sociologia das religiões*. Tradução de Lineimar Pereira Martins. São Paulo: Unesp, 2012.

³⁵ No *Dicionário de Ciência da Religião*, Frank Usarski (2002) apresenta uma síntese de perspectivas teóricas envolta do termo “religião”. Para conhecer detalhes dessa abordagem, veja-se: USARSKI, 2022.

³⁶ De acordo com Willaime (2012), essa terminologia “Torre de Babel” é utilizada no artigo “La tour de Babel” “des définitions de la religion”.

³⁷ Notamos que, nas Ciências da Religião, Steven Engler, no artigo “Teoria da religião norte-americana: alguns debates recentes”, discute a definição do conceito de religião. O argumento do autor é de que há problemas com as definições de “religião que se baseiam em um elemento santo da consciência humana, em uma realidade ‘sacra’ ou em um acesso privilegiado para uma essência além da história” (ENGLER, 2004). Para outra abordagem que traz um interessante prospecto do uso do termo, veja-se: PIEPER, 2019.

³⁸ ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2007. p. 8-16.

A origem do termo “religião”, como conhecemos no Ocidente, parece remontar às épocas longínquas³⁹, anteriores ao século XVI. “O termo religião teve uso e compreensão expandido a partir do século XVI, sendo utilizado sobretudo pelos colonialistas”⁴⁰. A construção social e histórica da religião para os indivíduos situa-se no contexto cultural que é manifesto no tempo e espaço, mas o sentido é dinâmico.⁴¹ Cumpre registrar que, vários movimentos juvenis iniciaram uma incursão na busca por outras formas de sentido para a vida na década de 1960, com a contra cultura, como abordado por Flávio Lages Rodrigues.⁴² Outrossim, a busca de sentido⁴³ também ocorreu por meio da busca por outras manifestações religiosas como as religiões orientais, espiritualidades alternativas⁴⁴, novos movimentos religiosos⁴⁵, entre outros. Sendo assim, implica compreender o significado do termo “religião” na atualidade a partir de jovens, urbanos, universitários que se identificam como sem religião com crença. Como dito alhures, nos atentamos para a proposta de Hans-Jürgen Greschat⁴⁶, e pensamos na “religião como totalidade”. Assim, as nossas apresentações de dados e análises privilegiam o sentido dito pelo indivíduo sem religião com crença sobre *religião* e não objetivamos o confronto com perspectivas teóricas outras.

Desta maneira, indagamos⁴⁷: “Como você definiria religião e como definiria espiritualidade?”⁴⁸ Os dois conceitos foram apresentados segregados pelos participantes. Por isso, abordamos neste texto separadamente, conforme quadro a seguir.

Quadro 2 – A religião para os sem religião com crença

Indivíduo	Religião é...
SRC I	Religião é algo que “junta” pessoas que têm uma mesma crença [...].
SRC II	Religião [é um] conjunto de culturas e crenças. [...].
SRC III	Religião [são] conjuntos de regras e preceitos que predeterminam suas crenças. [...].
SRC IV	Religião [é] o conjunto de regras. [...].
SRC V	Religião [é] instituição com normas e práticas religiosas organizadas. [...].
SRC VI	Religião é um conceito mais conciso. [...].

³⁹ O termo “religião” teve uma longa história, grande parte dela, antes do século dezesseis, mas esses são irrelevantes para o uso contemporâneo. Sua etimologia é incerta, embora uma das três possibilidades atuais decorra do significado remonte a “ligar” ao invés de raízes significando “reler” ou “ter cuidado”, e este tem sido o assunto de considerável demonstração homilética cristã de Lactantius *Divine Institutes* (início do século IV) e *On True Religion* Agostinho (início do século V). (SMITH, 1998, p. 269).

⁴⁰ SMITH, Jonathan Z. Religion, Religions, Religious. In: TAYLOR, Charles (org.). *Critical Terms for Religious Studies*. Chicago/London: The University of Chicago Press, 1998. p. 269.

⁴¹ RITZ, 2023b.

⁴² RODRIGUES, Flávio Lages. *O rock e a espiritualidade não religiosa: estudo sobre os rituais, sociabilidades e cosmovisão de roqueiros e roqueiras sem religião em Belo Horizonte*. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2023.

⁴³ ECCO; LEMOS, 2022.

⁴⁴ CORDOVIL, Daniela. O poder feminino nas práticas da Wicca: uma análise dos “Círculos de Mulheres” e suas participantes. *Estudos Feministas*, v. 23, n.2, p. 431-449, 2015.

⁴⁵ GUERRIERO, 2006; STERN, 2019.

⁴⁶ GRESCHAT, 2005, p. 24.

⁴⁷ Pergunta indagada na questão de número 23 do questionário estruturado digital, mediante pesquisa de campo realizada em setembro de 2020.

⁴⁸ Pergunta de número 23 do questionário estruturado da pesquisa de campo (RITZ, 2023b).

SRC VII	Religião é a doutrina. [...].
SRC VIII	[Religião é] algo que seguem. [...].
SRC IX	Religião seria uma orientação que cada um tem ou procura ter. [...].
SRC X	Religião se baseia em dogmas preestabelecidos para entrarmos em contato com [a] nossa espiritualidade e com Deus. [...].
SRC XI	Religião é uma doutrina. [...].
SRC XII	Religião seria um conjunto de dogmas e doutrinas de determinada crença. [...].
SRC XIII	Eu defino religião como o exercício institucionalizado de uma crença. [...].
SRC XIV	Entendo religião como uma instituição com a qual os fiéis se comprometem e obedecem ao conjunto de regras estipuladas pelos líderes da instituição. A religião direciona a forma com que a espiritualidade deve ser vivida pelos afiliados. [...].
SRC XV	Cultura e sentimento de beleza. [...].
SRC XVI	Religião seria uma estrutura organizada em torno de conceitos e práticas que determinariam uma forma específica de vivência da espiritualidade. [...].
SRC XVII	Religião, para mim, representa uma tentativa antropológica do ser humano de sistematizar (por meio de ritos, mitos, danças, dentre outros) o seu anseio para superar o vazio existencial. A meu ver, a religião também fortalece o psiquismo e a dimensão social de seus adeptos em torno de uma crença ou filosofia que oriente o seu modo de agir no mundo. [...].

Fonte: Elaborado pela autora com dados da pesquisa de campo (2020).

De acordo com a análise de palavras-chave pela reincidência nas respostas, temos “crença” citada seis vezes; “instituições/institucionalizado” citada seis vezes; “doutrina” citada três vezes; “regras” citada três vezes; “dogmas” citada duas vezes; “práticas” citada duas vezes; e “cultura” citada duas vezes. A integração destas palavras-chaves pode ser observada no gráfico a seguir.

Gráfico 2 – Palavras (re)incidentes no conceito de *religião* para as pessoas sem religião com crença



Fonte: Elaborado pela autora com dados da pesquisa de campo (2020).

Estes são os termos mais (re)incidentes e entendemos que “a compreensão das pessoas sem religião com crença é da religião como instituição que realiza a sistematização das crenças, a regulação das doutrinas, dos ritos, dos mitos, dos dogmas e como expressão cultural, a instituição religiosa agrupa pessoas com as mesmas crenças”⁴⁹. Entretanto, na pesquisa realizada por José Álvaro Campos Vieira em Belo Horizonte, a indicação predominante nas respostas foi o elemento *doutrinal*, seguido por *fé*.

Quando solicitados a anotar o que é religião – questão C.2. –, o elemento que sobressai nas respostas é o doutrinal. [...] Entre as 41 colocações apresentadas nessa questão, 16 (36%) enfatizam o aspecto doutrinal. A fé é o segundo elemento mais enfatizado. Para 14 respondentes (31%), religião é algo intrinsecamente correlacionado à fé”⁵⁰.

O aspecto doutrinal é identificado em nossa pesquisa de campo, sobretudo do viés institucional, que não se limita à doutrina. Afinal, as pessoas sem religião com crença mencionam a doutrina, mas o destaque predominante é para *instituição* e *crença*. Em nosso estudo, consideramos crença como conteúdo simbólico que se conserva como elo de memória da herança religiosa.⁵¹ Não há referências à *fé* propriamente. Em nosso estudo, verificamos que religião é equivalente a instituição. Corroborando, Roberlei Panasiewicz⁵² aduz: “o processo de institucionalização da religiosidade denomina-se religião.” Informação oportuna, identificado no artigo em que Panasiewicz trabalhava dados de uma pesquisa de campo.

Conforme o “SRC XIII”: Eu defino religião como o exercício institucionalizado de uma crença” (Pesquisa de campo, 2020). Isto é, religião é um processo de institucionalização da crença. Destarte, o afastamento ou ausência da religião, corresponde ao afastamento ou ausência da instituição, por isso falamos do processo de desinstitucionalização. Contudo, nas pessoas sem religião com crença, não equivale à ausência de crenças. Sendo assim, avançamos para as contribuições sobre a palavra espiritualidade.

3. A espiritualidade a partir das pessoas sem religião com crença

Assim como no termo *religião*, o designativo *espiritualidade* também é objeto de estudo de várias disciplinas⁵³ e as discussões transcorrem em diversas perspectivas, assim como a origem do termo, mas nesse texto não nos ocuparemos dessas abordagens. Ao dizer espiritualidade,

⁴⁹ RITZ, 2023b, p. 432.

⁵⁰ VIEIRA, José Álvaro Campos. *Ensaio de espiritualidade não religiosa: estudo a partir de indivíduos sem religião em Belo Horizonte*. 2020. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020. p. 109.

⁵¹ RITZ, 2023b.

⁵² PANASIEWICZ, Roberlei. Categorização de experiências transcendentais: uma leitura da religiosidade, da fé e da religião. *Revista Pistis e Praxis*, Curitiba, v. 5, n. 2, p. 587-611, jul./dez. 2013. p. 608-609.

⁵³ No dicionário de filosofia são considerados cinco significados: “1º Alma racional ou intelecto no significado predominante na filosofia moderna e contemporânea, bem como na linguagem comum. 2º Substâncias incorpóreas, ou seja, anjos, demônios e almas dos mortos. Era nesse sentido que Locke empregava a palavra *spirit*; 3º Matéria sutil ou impalpável que é a força animadora das coisas. Esse significado, derivado do estoicismo, encontra-se com frequência nos magos do Renascimento, sobretudo em Agripa; 4º Em relação mais estreita com o significado, esse “termo às vezes significa disposição ou atitude, como nas célebres expressões de Pascal “E. de geometria” e “E. de finura” e em expressões correntes como “E. religioso”, “E. esportivo”, etc. O mais importante e origem do termo é

o que comunicam e o que compreendem as pessoas sem religião com crença? Para tanto, indagamos: “Como você definiria religião e como definiria espiritualidade?”⁵⁴

Quadro 3 – A espiritualidade para os sem religião com crença

Indivíduo	Espiritualidade é...
SRC I	[...] Espiritualidade é a busca do humano a explicar coisas que ultrapassam o tangível.
SRC II	Espiritualidade, o que nos dá sentido do existente.
SRC III	Espiritualidade, fluir energético que te conecta com um cosmos superior.
SRC IV	Espiritualidade, liberdade de crenças.
SRC V	Espiritualidade, pensamento filosófico.
SRC VI	Espiritualidade é mais abrangente [que a religião], não se limita.
SRC VII	Espiritualidade é sua conexão com você mesmo!
SRC VIII	[Espiritualidade], contato com o seu interior e a divindade maior.
SRC IX	Espiritualidade está mais ligado a algo não visível, uma conexão com o que cada ser humano acredita.
SRC X	Espiritualidade é sua conexão com o mundo espiritual, seja isso por meio da religião ou não, com a presença de um Deus ou vários.
SRC XI	Espiritualidade é a forma como nos vemos individualmente perante a grandiosidade do mundo espiritual.
SRC XII	A espiritualidade seria o contato com o divino de forma mais natural, sem precisar estar nos conformismos da religião.
SRC XIII	A espiritualidade acredito que não tenha necessariamente a ver com a religião em si, vejo a espiritualidade como algo inerente ao ser humano, uma tentativa de conexão do homem com ele mesmo, com a natureza, com a energia universal, com seu deus, etc., sem que para isso precise frequentar uma instituição.
SRC XIV	A espiritualidade pode ser livre. A vejo com uma vivência da fé seja em qual for a ideia de deus.
SRC XV	Cultura e sentimento de beleza.
SRC XVI	Espiritualidade seria a relação do humano com o metafísico.
SRC XVII	Espiritualidade está em uma outra esfera da dimensão humana, apesar de estar interligada à religião. A espiritualidade “não religiosa”, singular de cada pessoa, é responsável pelo que podemos chamar de percepção profunda e interior da alma. Isso quer dizer que não é só uma tentativa de superar o vazio existencial; a meu ver, é, sobretudo, um modo de experienciar o mundo de modo mais produtivo e reflexivo. É, em outras palavras, perceber que tudo está interligado: pessoas, animais, natureza.

Fonte: Elaborado pela autora com dados da pesquisa de campo (2020).

“Pneuma” (v.) ou sopro animador, admitido pela física estoica, passando desta a várias doutrinas antigas e modernas. É o significado originário do termo, do qual derivaram todos os outros. Esse significado ainda permanece nas expressões em que significa aquilo que vivifica” (ABBAGNANO, 2007, p. 354).

⁵⁴ Essa pergunta foi indagada na segunda parte da questão dissertativa de número 23, do questionário estruturado digital da pesquisa de campo realizada em setembro de 2020.

Os dados indicam que as pessoas sem religião com crença compreendem a espiritualidade como sendo dotada de sentido distinto da religião. Sendo assim, a espiritualidade não se vincula ou se realiza obrigatoriamente por meio da religião ou tradições religiosas. Isto é, a espiritualidade pode ser vivenciada e experienciada por meio da religião, de tradições religiosas, mas transborda a própria religião. Obviamente que essa é uma perspectiva que perpassa os indivíduos sem religião com crença, pessoas que são confrontados com a contemporaneidade urbana, tecnologicamente conectadas. As instituições e as mentalidades experimentam deslocamentos, inclusive de sentidos, de afeições e significados. Desta maneira, de acordo com os relatos, a espiritualidade é intrinsecamente desinstitucionalizada porque é da pessoa e se realiza primeiramente nela própria. O cultivo da espiritualidade poderá ser realizado por meio de uma instituição, mas não necessariamente é um pré-requisito.⁵⁵ Ao verificarmos as respostas das pessoas sem religião com crença, alguns aduzem sobre a espiritualidade como instrumento de integração⁵⁶ e de conexão, o que enseja o aspecto existencial e de sentido com algo ou com o outro.

Clóvis Ecco e Carolina Teles Lemos explicam que:

Os indivíduos, no processo de individuação, vão formando sua identidade como um fenômeno privado (com elementos daqui ou dali, conforme os gostos ou as necessidades). Com isso cria-se a religião invisível, ou seja, os temas religiosos, as definições últimas da realidade têm origem na esfera privada, fundam-se sobre sentimentos e emoções do indivíduo (instáveis e subjetivas) e são combinados em conjuntos mais amplos pelo próprio indivíduo.⁵⁷

No que pese a compreensão das pessoas sem religião sobre a espiritualidade, é notada a individualização, como compreensão da realidade humana em sua conexão e integração com o conjunto de expressões de vida, de mundo, de existência, o que inclui o próprio indivíduo na esteira da existência e da vivência que se situa no tempo e no espaço. Neste sentido, José Paulo Giovanetti pondera:

O termo “espiritualidade” designa toda vivência que pode produzir mudança profunda no interior do homem e o leva à integração da pessoa à integração com outros homens. A espiritualidade tem relação com valores e significados: o espírito nos permite fazer a experiência da profundidade, da captação do simbólico, de mostrar que o que move a vida é um sentido, pois só o espírito é capaz de descobrir um sentido para a existência.⁵⁸

A citação sugere que os indivíduos podem experienciar uma mudança subjetiva e objetiva que os conduzam a uma integração e conexão com os demais seres e espaço, em perspectiva existencial, como mencionado em respostas constantes no Quadro 3. Do mesmo modo,

⁵⁵ Em um artigo intitulado “Agnósticos, ateus e sem religião com crença: a ausência da religião e a predileção pela arte como traços identitários. Revista Caminhos, Goiânia, v. 21, n. 2, p. 360-379, 2023a, aborda a arte como preferência das pessoas sem religião, em detrimento da religião ou atividades religiosas. Aliás, a religião ou as atividades religiosas sequer foram mencionadas (RITZ, 2023a).

⁵⁶ Para a reflexão sobre espiritualidade não religiosa e socialização a partir do Rock, veja-se: (Rodrigues, 2023).

⁵⁷ ECCO, Clovis; LEMOS, Carolina Teles. Os crentes sem religião e a busca de sentido. *CAMINHOS*, Goiânia, v. 20, n. 3, p. 335-353, 2022. p. 345. Para a reflexão sobre a ausência divina, veja-se: (Teixeira, 2021). Concernente à reflexão sobre as perspectivas teóricas da designação *crença*, veja-se: (Duque, 2022).

⁵⁸ GIOVANETTI, José Paulo. Psicologia e espiritualidade. In.: AMATUZZI, Mauro Martins (org.) *Psicologia e espiritualidade*. São Paulo: Paulus, 2005. p. 138.

na pesquisa de campo realizada por Vieira⁵⁹, ao indagar sobre *espiritualidade*, o pesquisador constatou:

No parecer da maioria, a espiritualidade é algo inerente ao ser humano e, consequentemente, independe de religião. Para esses, o indivíduo é o eixo a partir do qual se desenvolve a espiritualidade. Em contrapartida, para uma minoria, é impossível haver espiritualidade sem religião.⁶⁰

Se observarmos os dados identificados por Vieira⁶¹ com aqueles da nossa pesquisa de campo, veremos a espiritualidade como vivência do indivíduo sem que haja obrigatoriedade de compromissos com vínculos institucionais⁶², ou seja, é possível o exercício da espiritualidade desinstitucionalizada, aliás, é primeiramente desinstitucionalizada. A reflexão sobre espiritualidade e a possibilidade de exercer, cultivar ou vivenciar a própria espiritualidade com a ausência da religião tem sido escopo de pesquisas, sobretudo aquelas sobre o fenômeno dos sem religião.⁶³ Isto é, a espiritualidade na ausência da religião, entendendo religião como instituição. Sendo assim, a institucionalização da espiritualidade não é aderida pela maioria como visto nas respostas. Roger Bastide, ao falar sobre a institucionalização do espontâneo, aduz: “a sociedade e a religião concorrem igualmente, portanto, com vistas a transformar o espontâneo em institucional”⁶⁴. Logo, equivaler ou vincular a espiritualidade com a religião, não encontra amparo nos dados da nossa pesquisa de campo, não são termos sinônimos.⁶⁵

Flávio Senra⁶⁶ propõe a reflexão sobre espiritualidade enquanto dimensão imaterial humana que transcorre no agir existencial, nos desafios que são coletivos aos seres humanos, mas que se particularizam na individualidade de cada pessoa em sua trajetória. “O caminho da espiritualidade é um caminho de homens e mulheres em seus desafios históricos, existenciais, políticos, sociais e econômicos”⁶⁷. Compreendemos que essa é uma dimensão cuja

⁵⁹ Na pesquisa de campo realizada por Vieira (2020), também se investigou o termo “espiritualidade” por meio de pergunta dissertativa e se constatou: “Espiritualidade parece ser um assunto não muito familiar entre os pesquisados. (11%) manifestam explicitamente de que não sabem o que é espiritualidade (E.1/2; 5; 8; 18 e 19). Quinze (33%), não sabemos por quais razões – desconhecimento? Desinteresse? passam em branco a questão. Entre esses, 14 são sem religião com fê e um é ateu [...]” (VIEIRA, 2020, p. 121).

⁶⁰ Vieira, 2020, p. 92.

⁶¹ Vieira, 2020.

⁶² De acordo com Marià Corbí (1996, 2010), a espiritualidade não é um sistema de crenças, a espiritualidade é liberdade de todo enquadramento. Registramos que Corbí, na continuidade do seu pensamento, superará os conceitos de religião, de espiritualidade e de experiência espiritual, em razão da proposta epistemológica de aprofundamento e conhecimento designada como qualidade humana e qualidade humana profunda (CORBÍ, 2015).

⁶³ RITZ; SENRA, 2022.

⁶⁴ BASTIDE, Roger. *O sagrado selvagem e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 257.

⁶⁵ RITZ, 2023b.

⁶⁶ No verbete sobre espiritualidade não religiosa, Senra (2020) aduz: “Por espiritualidade não religiosa entende-se, pois, consideradas as pessoas que se afirmam sem religião ou não afiliadas, em perspectiva teísta, o âmbito da crença em D’s que se desenvolve à margem das instituições religiosas ou desligadas de seu antigo pertencimento a instituições religiosas. Neste sentido, a pesquisa conclui que estamos diante de uma espiritualidade que não está institucionalizada, embora ainda esteja impregnada de vestígios teístas, pois se assenta ainda na crença em um D’s. Tal espiritualidade definida em termos individuais, autônomos e desinstitucionalizada que aqui se nomeia como espiritualidade não religiosa. [...] Reconhece-se na expressão espiritualidade não religiosa a condição de sobrevivência de algum vestígio da memória religiosa, de seus conteúdos, de sua mensagem de fundo, mas não o sentimento de pertença ou vínculo institucional”.

⁶⁷ SENRA, Flávio. Crise e emancipação no horizonte das espiritualidades não religiosas. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 1, 2, n. 35, p. 654-657, jul./set. 2014. p. 657.

espiritualidade não se relaciona com a religião, tampouco com o transcendente, mas transcorre no existir humano.

Conclusões

As respostas dissertativas ao questionário estruturado digital, acerca da compreensão dos termos religião e espiritualidade, a partir dos sem religião com crença, correspondentes a 23% dos participantes da pesquisa de campo, nos proporcionam reflexões interessantes sobre a modernidade religiosa e as movimentações no campo religioso. As análises indicam indivíduos autônomos e tendentes a individualização e a desinstitucionalização. Autonomia, individualização e desinstitucionalização que se manifesta também no campo religioso.

A palavra religião para as pessoas sem religião com crença é destacadamente associada com “alienação” (24%); “Poder” (18%) e Deus, Ser superior, Orixás, etc. (18%). Essas são associações que não ressoam afeição para com a religião, mas sugerem uma crítica à religião em sua função social. Entretanto, o aspecto transcendente é presente e sugere a presença de herança religiosa, na relação de crença e memória, na existência de um Ser divino.

Outrossim, verificamos pelas respostas que a compreensão de religião está especialmente relacionada com instituição. Por outro lado, a espiritualidade é entendida de modo desvinculado da religião, mas intrínseca a todos os indivíduos. A distinção entre religião e espiritualidade não são consideradas e conceituadas como sinônimas. Ao contrário, a religião é tida como doutrina, instituição e institucionalização da crença. A espiritualidade é afirmada como sendo inerente ao indivíduo e desinstitucionalizada, que busca integração e conexão.

Frente ao exposto, notamos indícios de emancipação da espiritualidade para com a religião. Outrossim, a premissa de desinstitucionalização da espiritualidade, em contraponto, a institucionalização da religião. Por isso, a ausência da religião é um indício de desinstitucionalização religiosa. Destarte, a individualização da crença parece endossar a segregação entre religião, crença e espiritualidade. Estas são algumas das contribuições de pessoas sem religião com crença sobre o significado de espiritualidade e religião.

Referências

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- BASTIDE, Roger. *O sagrado selvagem e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- ALVES, Rubem. *O que é religião?* São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- CANCLINI, Néstor García. *Culturas Híbridas – estratégias para entrar e sair da modernidade*. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 1997.
- CORDOVIL, Daniela. O poder feminino nas práticas da Wicca: uma análise dos “Círculos de Mulheres” e suas participantes. *Estudos Feministas*, v. 23, n.2, p. 431-449, 2015.
- CRESWELL, John. W.; PLANO CLARK, Vicki. L. *Designing and conducting mixed methods research*. 2nd. Los Angeles: SAGE Publications, 2011.

- DUBAR, Claude. *A Crise das Identidades*. A interpretação de uma mutação. Porto: Afrontamento, 2006.
- DUQUE, João Manuel. Crença. In: USARSKI, Frank; TEIXEIRA, Alfredo; PASSOS, João Décio. (org.). *Dicionário de Ciência da Religião*. São Paulo: Paulinas, 2022. p. 178-183.
- DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- ECCO, Clovis; LEMOS, Carolina Teles. Os crentes sem religião e a busca de sentido. *CAMINHOS*, Goiânia, v. 20, n. 3, p. 335-353, 2022.
- EISENSTADT, Shmuel Noah. *Múltiplas modernidades na era da globalização*. Lisboa: GEOPOLIS, 1996.
- ENGLER, Steven. Teoria da religião norte-americana: alguns debates recentes. *REVER – Revista de Estudos da Religião*, São Paulo, n. 4, p. 27-42, 2004.
- GUERRIERO, Silas. *Novos movimentos religiosos. O quadro brasileiro*. São Paulo: Paulinas, 2006.
- GIOVANETTI, José Paulo. Psicologia e espiritualidade. In.: AMATUZZI, Mauro Martins (org.) *Psicologia e espiritualidade*. São Paulo: Paulus, 2005. p. 129-145.
- GRESCHAT, Hans-Jürgen. *O que é Ciência da Religião?* São Paulo: Paulinas, 2005.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. 2. ed. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Editora Centauro, 2006.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 12. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2019.
- HERVIEU-LÉGER, Danièle. *O peregrino e o convertido*. A religião em movimento. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. *Censo Religioso 2010*. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br>. Acesso em: 10 abr. 2020.
- MARCONI, Marina de Andrade, LAKATOS, Eva Maria. *Técnicas de pesquisa*. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2012.
- OLIVEIRA, Pedro Assis Ribeiro. Pertença/desafeição religiosa: recuperando um antigo conceito para entender o catolicismo hoje. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 10, n. 28, p. 1230-1254, out./dez. 2012.
- PANASIEWICZ, Roberlei. Categorização de experiências transcendentais: uma leitura da religiosidade, da fé e da religião. *Revista Pistis e Praxis*, Curitiba, v. 5, n. 2, p. 587-611, jul./dez. 2013.
- PIEPER, Frederico. Religião: limites e horizontes de um conceito. *Estudos de Religião*, São Paulo, v. 33, n. 1, p. 5-35, jan./abr. 2019.
- RITZ, Claudia Danielle de Andrade. *Eu sou sem religião com crença*: a fragilização da herança religiosa e a conservação da crença como elo de memória. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2023a.
- RITZ, Claudia Danielle de Andrade. Agnósticos, ateus e sem religião com crença: a ausência da religião e a predileção pela arte como traços identitários. *Revista Caminhos*, Goiânia, v. 21, n. 2, p. 360-379, 2023b.
- RITZ, Claudia Danielle de Andrade; SENRA, Flávio. Pessoas sem religião com crenças: considerações sobre o fenômeno religioso dos sem religião. *Revista Caminhos*, Goiânia, v. 20, n. 3, p. 316-334, 2022.

- RODRIGUES, Flávio Lages. *O rock e a espiritualidade não religiosa: estudo sobre os rituais, sociabilidades e cosmovisão de roqueiros e roqueiras sem religião em Belo Horizonte*. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2023.
- SENRA, Flávio. Crise e emancipação no horizonte das espiritualidades não religiosas. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 1, 2, n. 35, p. 654-657, jul./set. 2014.
- SIMMEL, Georg. *Religião*. São Paulo: Olho d'Água, 2009. v. I/2.
- SMITH, Jonathan Z. Religion, Religions, Religious. In.: TAYLOR, Charles (org.). *Critical Terms for Religious Studies*. Chicago/London: The University of Chicago Press, 1998.
- STERN, Fábio. *Cosmologia xamânica: a ressignificação do xamanismo na naturologia brasileira*. 2019. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019.
- TEIXEIRA, Alfredo. Onde Deus está mesmo que não exista. *Revista Eborensia*, Évora, ano XXXIV, n. 55. p. 59-88, 2021.
- USARSKI, Frank; TEIXEIRA, Alfredo; PASSOS, João Décio (org.). *Dicionário de Ciência da Religião*. São Paulo: Paulinas, 2022. p. 781-785.
- VIEIRA, José Álvaro Campos. *Ensaio de espiritualidade não religiosa: estudo a partir de indivíduos sem religião em Belo Horizonte*. 2020. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.
- WILLAIME, Jean Paul. *Sociologia das religiões*. Tradução de Lineimar Pereira Martins. São Paulo: Unesp, 2012.

Submetido em: 26/07/2023

Aprovado em: 17/11/2023